

## **O CORPO E A ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE POLÍTICA DE SUBJETIVAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.**

Márcio Donizetti Rocha –UNESP, Rio Claro - Instituto Educacional Imaculada  
Romualdo Dias – UNESP, Rio Claro

### **RESUMO**

Nesta pesquisa pretendemos estudar as relações entre o corpo e a escola. Neste território investigamos as marcas das políticas de subjetivação, compreendidas como interdição ao movimento, e as pistas de um processo de subjetivação, que por meio das configurações dos corpos, permite ao indivíduo resistir aos mecanismos de captura advindo dos exercícios do poder. O corpus de nosso estudo se constitui na interpretação das práticas corporais realizadas nos limites da Educação Física em uma escola pública que registra inúmeros conflitos com a injunção das igrejas evangélicas sobre os processos educacionais. Analisamos os sentidos atribuídos à Educação Física, no âmbito da escola, e as soluções elaboradas pelos professores diante dos desafios identificados nos gestos de controle sobre os corpos dos educandos.

Palavras chave: Educação Física, religião e escola

Ingressei como professor de Educação Física há dois anos na Escola Estadual Deolinda Maneira Severo, em Indaiatuba, SP. Esta escola está localizada em um bairro distante do centro da cidade, em meio a um número significativo de igrejas evangélicas, ali convivem, entre a violência, a fome e a prostituição, considerável número de pessoas carentes.

Ao iniciar meu trabalho na Escola Deolinda, tinha algumas informações de como era a população local e sentia-me inseguro quanto ao meu trabalho, pois a faculdade não me formara para conviver com esse tipo de realidade. Mesmo com o preparo técnico adquirido como educador, vi-me sem apoio para o trabalho educacional em meio a uma população que apresentava aspectos culturais tão complexos.

Assim, logo em meus primeiros passos como educador, senti na pele, a urgência necessária no sentido de se ampliar o currículo de formação do professor de Educação Física - de modo a dotá-lo de subsídios mais eficazes na re-invenção do sentido da escola.

Um dos primeiros fatos que pude constatar foi a dificuldade do aluno em sua adesão à aula de Educação Física. Ao questionar os alunos sobre suas resistências eu ouvia sempre a mesma resposta: não havia interesse do professor de Educação Física anterior em estimular a participação das crianças. Restava a elas o futebol “de sempre” para os meninos, e o voleibol, para as meninas. Com raríssimas ressalvas, as atividades não eram estudadas com os fundamentos técnicos destas práticas esportivas. Além do que as atividades eram divididas em dias diferentes: em um dia eram os meninos a usar a quadra e, no outro, as meninas. E quem não estivesse em quadra deveria postar-se em um espaço à parte. Para mim foi difícil aceitar esse entendimento, já que aprendera em física que é impossível uma pessoa ocupar dois espaços de uma só vez.

Assim, foi logo nos meus primeiros passos na profissão que percebi o grande problema a resolver. Fui em frente e depois de várias conversas em sala de aula com os alunos comecei a mostrar o imenso leque de atividades oferecido pela Educação Física. Assim como a importância de cada uma delas; as suas contribuições no contexto social, político, sociológico e cultural.. Um trabalho árduo, que ali começava a galgar, somado a constantes solicitações para que todos participassem das aulas - gostando ou não. Aos poucos, cheguei onde queria. Fiz a todos entenderem, que a Educação Física merece ser estudada como qualquer outra disciplina.

O meu esforço realmente foi recompensado. Logo na aula seguinte houve a participação de todos os alunos. As aulas começavam com alongamento e aquecimento. Muitas meninas iam de salto alto para as aulas, o que me levava sempre a mostrar a inadequação deste tipo de calçado para as atividades que elas iriam participar. Houve até discussões a respeito. Até que chegou o dia em que todas as meninas passaram a usar o sapato mais apropriado - no caso, tênis, em suas mais variadas formas e cores, e, muitas vezes, por motivos óbvios, já bastante surrados. Afora o “calçado apropriado” também tive que conversar sobre o vestuário, pois todos usavam a “calça jeans” - notoriamente inapropriado para a aula de Educação Física. Neste momento encontrei muitas dificuldades. Não fui ouvido pelos alunos, como também pela coordenação da escola que, para meu espanto, permitiu que os alunos freqüentassem as aulas de Educação Física com o traje que desejassem.. Neste dia percebi que não poderia contar com a ajuda da direção para resolver esta questão.

No bimestre seguinte, além dos esportes afins à Educação Física - o famoso quadro mágico: basquetebol, voleibol, futebol e handebol - .também passei a introduzir outras atividades. Era momento de começar a abrir o leque de opções e decidi oferecer a

dança. Alguns alunos receberam a novidade com ares mochos. Outros, em contrapartida, acharam maravilhoso. Na média, a recepção foi positiva.

A surpresa maior ocorreu no primeiro dia após aquela aula, quando vários pais foram à escola para conversar com a direção a respeito de atividade considerada por eles tão fora de propósito. Tudo porque, para eles, a atividade da dança era inapropriada para os seus filhos. Como resultado, logo veio a ordem da coordenadora para eu respeitar o desejos dos pais e, por tabela, muitos ficariam de fora da atividade. Expliquei que a atividade fazia parte do conteúdo de Educação Física, e que só serviria para enriquecer o aprendizado do aluno. A resposta foi a de que eu havia acabado de me formar e pretendia ensinar tudo o que aprendera na faculdade e que era melhor ir com mais calma.

O episódio, evidentemente, resultou em uma carga de grande decepção para mim.. Mas, insistente que sou em meus propósitos, pedi aos alunos evangélicos para apenas ajudarem os seus colegas que iriam participar da atividade dança na montagem de uma coreografia.. O resultado desta minha iniciativa foi a de poder observar o quão entusiasmados ficavam só de poderem colaborar em uma atividade “proibida”. E mostraram-se crianças criativas, davam idéias muito boas, e até mesmo arriscavam alguns passos de dança.. Até que, certo dia, uma das meninas evangélicas procurou-me e disse que ia dançar, já que a mãe lhe dera permissão. Outras dançavam na construção, mas com a ressalva de que não iriam fazê-lo no dia da apresentação. Indaguei então o por que e a resposta foi imediata: era um impeditivo da igreja e ponto final. Explicações plausíveis? Nenhuma.. Ficavam apenas no campo da aceitação. Percebi o quão enraizadas estavam às idéias, aos valores e às crenças difundidas pela igreja à qual pertenciam. Todos pareciam aceitar as orientações de suas igrejas sem apresentar qualquer questionamento. Enfim, ficava claro também que passaram a viver uma luta interna, entre a submissão ao que os pastores pregavam e a realização de uma atividade que, no íntimo lhes dava muita satisfação. Os alunos experimentavam um conflito diante da possibilidade de fazer ou não as atividades propostas por uma disciplina que simplesmente faz parte da formação básica escolar.

A partir destes episódios comecei a me questionar sobre os modos de convencê-los de que a Educação Física é importante, ainda mais que a escola onde atuo discrimina a minha disciplina. Até mesmo professores de outras matérias ignoram a Educação Física. Encaram-na simplesmente como uma disciplina que leva os alunos para uma quadra, onde ali as atividades resumem-se a brincadeiras e a alguns jogos. E quais

seriam os motivos da própria direção não dar apoio à atividade física? Desconheço-os. A mim jamais foram apresentadas razões relevantes. Até mesmo muitos colegas da Educação Física ignoram totalmente o valor e o porquê da disciplina. Tanto que meu antecessor na escola, onde atuo, deixava muito a desejar no sentido de aplicar atividades, além do “rolar bola no pé”. E mais: como alguém que leciona em três escolas pode realmente dedicar-se de corpo e alma ao aluno? Em reuniões, HTPCs, as professoras do Ensino Fundamental I (1ª a 4ª séries), elogiavam minha prática, e ainda afirmavam que em todos os anos de trabalho delas, elas tinham visto pouquíssimos professores de Educação Física trabalhar como eu trabalhava. Mas eu achava que apenas trabalhava normalmente, não fazia mágica, apenas desempenhava meu papel de educador.

Com toda essa dificuldade ainda mantive meu compromisso em trabalhar e mudar essa realidade. Trouxe outra atividade que eles nunca haviam feito. Dessa vez, trabalhava com expressão corporal. Eles se dividiam em vários grupos, em seguida, iam escolher um filme, depois escolheriam uma cena para apresentar para a classe. Porém eles não falariam e estabeleceriam contatos entre eles.. Era uma espécie de cinema mudo. Mais uma vez os alunos evangélicos resistiram. Falaram que não podiam fazer essas coisas, e que alguns deles eram proibidos em assistir televisão, outros diziam que não eram permitidas essas coisas com meninas e meninos, outros que não podiam usar maquiagem para apresentar porque se fosse permitido, Deus teria dado a elas um estojo de maquiagem a tira-colo quando nascessem. Foi muito complicado a realização dessa atividade.

Quando fui trabalhar com futebol, trouxe para classe, a história do futebol e o estudo das habilidades físicas usadas nesta prática esportiva. Estava indo muito bem até o momento de contextualizar a teoria com a prática. Alguns alunos da mesma igreja me procuraram para dizer que não podiam jogar futebol, porque era proibido. Questionei mais uma vez o porquê, mas eles não sabiam explicar. Eu percebia que eles se sentiam como traidores se praticassem, (não era uma postura que o convencesse de que aquilo não lhe fazia bem). Eu não conseguia explicar a importância do jogo com uma eficácia suficiente para produzir o convencimento. Não se trata de incompetência técnica, e sim dificuldade de desconstruir um funcionamento ideológico.

O poder de “convencimento” dessas igrejas, em conseguir “construir” uma pessoa que se relaciona com outras do mesmo credo é tão forte, que consegue sobressair aos demais poderes. Rolnick: 2006. Penso que a própria Educação Física, tem uma rival

que está além de suas possibilidades. Mesmo com toda a valorização que a outra parte da sociedade não crente diz dar, ela ainda tem muito que ser mudada.

Mas eu não desisto de trabalhar e mostrar o “poder” Foucault: 2004, da Educação Física e os benefícios concretos dela advindos para a formação do aluno. A escola tem um importante papel para preparar seus alunos na sociedade. Isso me fez pensar, que o papel da escola também está bem parecido com o da Educação Física. Pois, qual é o papel da escola? E o que ela tem feito por seus alunos?

Pretendi com esta pesquisa, analisar os marcos das políticas de subjetivação (Kastrup: 2009), implementados pela igreja e pela escola na formação do aluno, neste campo específico da relação de cada educando com o seu próprio corpo.

## **BIBLIOGRAFIA**

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KASTRUP, V. e orgs. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa Intervenção e produção da subjetividade**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Slunia; Editora UFRGS, 2006.